

IDENTIDADES AMEAÇADAS



FRANCA VILARINHO
E SONIA FATTORI

O Centro Cultural Câmara dos Deputados apresenta a exposição

IDENTIDADES AMEAÇADAS

FRANCA VILARINHO
E SONIA FATTORI

Centro Cultural

Secretaria de
Comunicação Social



IDENTIDADES AMEAÇADAS

Identities Ameaçadas apresenta o olhar feminino de duas fotógrafas viajantes que registram crianças herdeiras de culturas seculares. As artistas se debruçaram sobre culturas, tradições e raízes de civilizações que correm sério risco de desaparecer.

Ameaçadas em parte pela globalização, pelas desigualdades sociais e por muitas guerras, populações inteiras são levadas ao deslocamento em busca de uma vida melhor.

Franca Vilarinho e Sonia Fattori são testemunhas dessas duras realidades. Assim, elas documentam e contam as histórias de comunidades esquecidas, para darem voz aos retratados. As imagens registram locais no Brasil, África, Índia e Itália, que são diferentes e separados geograficamente, mas sofrem com a aceleração mundial dos novos tempos e com a globalização.

São retratos das infâncias deslocadas: algumas se perdem na imensidão do mar, nos desertos, nas periferias. Outras, como os ciganos, em sertões áridos e secos, sem água potável, sem pátria, à margem da sociedade.

Franca Vilarinho revela os olhares inocentes de meninos e meninas do Quilombo Kalunga do Norte do Goiás, consignando em suas fotos os traços fortes dos negros, em contraste com a pobreza dos casebres da comunidade. Traz também a ingenuidade dos índios, com seus coloridos milenares e hábitos culturais do século 19, e os ciganos, nômades, que vivem deslocados, não se misturam, e, assim, preservam um pouco de suas tradições.

Sonia, por sua vez, observa o mundo na intenção de explorá-lo e de conhecê-lo, estabelecendo um contato vital com o outro,

construindo uma ponte entre quem é fotografado e o seu observador. Tudo em um diálogo de respeitoso confronto, numa troca de opiniões e de emoções. Ela viaja para conhecer diretamente a realidade e as pessoas. Fotografava para documentar, narrar – mais do que um momento imóvel – um contexto, uma história, a vida. São registros sobre a vida africana e indiana, que apresentam olhos vívidos de alegria, de tristeza, de cores imersas na pobreza absoluta, onde o pouco contenta.

São, também, parte dos registros de Fattori aqueles obrigados a fugirem do próprio país, chegando em Lampedusa, na Itália, porta de entrada da Europa, com esperanças e sonhos.

Nesse contexto do mundo ocidental, abastado e insaciável, a infância é ameaçada por diferentes perigos, e, numa sociedade cada vez mais rápida, desconfiada e consumista, a falta de tempo e atenção é, por vezes, compensada com bens materiais que, em pouco tempo, tornam-se obsoletos e esvaziados de sentido. A destruição do senso de comunidade, de colaboração, de compartilhamento e de interdependência entre as pessoas leva ao isolamento, a uma solidão crescente, à falta de referenciais e de experiências de vida para as crianças, que, com frequência, estão acompanhadas apenas pela televisão ou internet.

Por meio de seus cliques, as fotógrafas querem dar voz às crianças e à esperança que elas inerentemente carregam em si. Através das lentes, as crianças dizem: "Esta é a nossa realidade. Vejam-nos."

Jean François Cleaver

FRANCA VILARINHO

Meu nome é Franca Vilarinho, sou maranhense, mas cresci em Brasília. Morei boa parte da minha vida no Cruzeiro Novo. Hoje moro na Asa Sul. Estudei fotografia no Plano Piloto e fiz faculdade de Comunicação Social em Taguatinga.

O início como fotógrafa não foi fácil. Eu tinha muitas ideias na cabeça, mas faltava dinheiro para comprar uma câmera fotográfica profissional, o que era muito caro. Por isso, tive que me virar para comprar uma. Fiz bicos em lojas como vendedora, fui secretária e, ainda, recepcionista de eventos. Economizei. Consegui comprar uma câmera de segunda mão. Era uma Zenith, de fabricação russa, febre no início dos anos 2000. Foi o que deu e tenho-a até hoje.

A partir daí, travei muitas outras batalhas para continuar apurando o meu olhar e criando imagens com luz. Especializei-me em moda e book, documentário e fotojornalismo.

Em 2003, fiz a primeira viagem como fotógrafa iniciante. Fui para a Aldeia Karajá de Aruanã, localizada na divisa de Tocantins com Mato Grosso. Pouca grana no bolso, muitos perrengues, mas foi ótimo! "É isso o que eu quero", soava na minha cabeça.

De volta a Brasília, consegui montar minha primeira exposição fotográfica, intitulada "Karajá de Aruanã: O Dilema de Uma Existência".

Depois fui à Comunidade Kalunga, no Norte de Goiás. Lá, eu vi a luz elétrica chegar e o início de novos tempos. Fotografei o seu

cotidiano, suas festas e suas lutas-tradições. O resultado até agora foi uma exposição e um documentário, que trazem um recorte da história do povo que veio da África e, junto com portugueses e índios, formou a nação brasileira.

Hoje, tantos anos e muitas exposições depois, ainda tenho o mesmo fascínio por fotografia, por gente, pelas tradições dos povos nativos brasileiros e por outras culturas. Percebo que a minha contribuição nesse mundo é iluminar, por meio de imagens, questões que muitos não conseguem ver.



EXPOSIÇÕES FOTOGRÁFICAS INDIVIDUAIS E COLETIVAS

2018

Los Trabajos y Los Dias, San Ignacio, Teatro y Música – Medellín/Colômbia.

2017

A Rua como Palco, Faculdade Anhanguera – Brasília.

2009

O Brasil dentro de Brasília, Sesi Taguatinga – Brasília.

2008

Brasil: Cultura de olhar no olhar do cotidiano, Espaço Cultural Renato Russo – Brasília e Galeria do Centro Cultural Banco do Nordeste – Sousa/Paraíba.

2004

Samambaia vai ao Teatro Nacional, Foyer da Sala Villa Lobos do Teatro Nacional – Brasília.

2003

Kalunga: extensão de um sonho de liberdade, Ministério da Educação – Brasília.
Samambaia vai à Câmara Federal – Brasília.

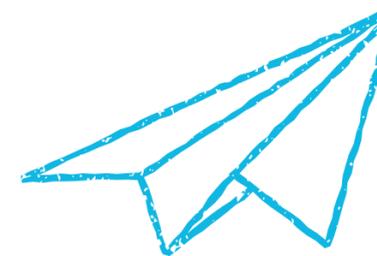
2001

Samambaia vai à Câmara Distrital – Brasília.

2000

Karajá de Aruanã: o dilema de uma existência, Centro Cultural Renato Russo – Brasília.
Criança: herança cultural, Flamboyant Shopping Center – Goiânia.

SONIA FATTORI



Nascida em Udine em 25 de abril de 1967, gestora por profissão, sempre me senti atraída pela fotografia, pela possibilidade de capturar um momento, de fixar uma imagem, um sentimento.

Definindo mais precisamente o momento em que tomei consciência dessa paixão e levei a sério a câmera fotográfica que sempre carregava a tiracolo, eu diria que tudo começou lá pelos meus quinze anos. Desde então, não mais me separei dela: tornou-se uma companheira de viagem, uma confidente, um confronto, uma extensão de mim, uma forma de ver o mundo, de cantar a vida, de conhecer o outro e de me descobrir. A fotografia, para mim, é uma necessidade; é quando as emoções me dominam, pela rapidez ou pela intensidade, e eu não tenho palavras suficientes para descrevê-las por causa da desordenada e caótica quantidade de palavras que lotam a minha mente ou, ao contrário, por causa da ausência dessas mesmas palavras.

Em 1998, fiz um curso de fotografia na escola de arte e ofícios "Giovanni da Udine", onde pude experimentar as várias técnicas fotográficas, utilizando, inclusive, a câmara escura para a impressão de imagens em preto e branco. A partir daí, tenho alternado a prática, a experimentação e a experiência individual com a participação em cursos de gerenciamento de cores de imagens digitais, sempre trabalhando com uma variedade de programas gráficos e de edição de fotos.

Durante a minha trajetória, conheci a multivisão: uma forma de expressão artística baseada na união da fotografia, da música, e, às vezes, até mesmo de textos escritos ou narrados, e tudo baseado em um *storyboard*. O resultado é uma projeção que, com imagens de alta qualidade, em poucos minutos consegue contar exaustivamente uma história, um ambiente... Fascinada pelo potencial dessa forma expressiva, participei de cursos de filmagem e multivisão realizados pelo fotógrafo italiano Carlo De Agnoi e de oficinas fotográficas sobre temáticas socioculturais, antropo-

lógicas e paisagísticas, com os fotógrafos Jordi Ferrando e Carlo De Agnoi (O caminho da lava, 2011; Os bosques de Cansiglio, 2012; Os reflexos das dolomitas, 2014-2015; Highlands, 2015; A poesia das flores, 2015-2016-2017-2018-2019; O fascínio das Ilhas Lofoten, 2017-2019). O conjunto dessas experiências me permitiu conjugar as minhas grandes paixões: viajar, encontrar, conhecer, fotografar e expressar. É nas viagens que a minha exploração fotográfica encontra a sua máxima expressão. É o resultado do olho que captura o instante, do cérebro que o elabora, do coração que o aprisiona, recolhendo dele todos os tons. É o meio que me permitiu e me permite restituir a minha gratidão aos lugares e às pessoas que me acolheram.

Após minha primeira expedição no Mali, junto com uma amiga viajante, fundei a associação "Vento di Terre Lontane" (Vento de Terras Distantes) para angariar fundos para realizar projetos naquelas regiões e, depois de me auto questionar sobre o quê e como eu poderia fazer, mais uma vez, a resposta chegou até mim pela fotografia.

De 2008 a 2016, nos vilarejos do Mali e nos campos de refugiados no Burkina Faso, apesar do peso do cotidiano, registrei imagens delicadas e, por meio de sua venda, sustentei o "Progetto Mali" (Projeto Mali) para a construção de poços de água e de uma escola no Mali.

De 2015 a 2019, em Lampedusa, na Índia e em parte da Europa, realizei diversas reportagens, em multivisão e individuais, de vários ambientes, que, apresentadas na Itália e fora dela, alcançaram um altíssimo número de espectadores e, tantas vezes, sensibilizaram e ampliaram o conhecimento sobre aquelas realidades.

Desde 2008, sou inscrita ao Círculo Cultural Fotográfico "Il Grandangolo" de Campofornido - Udine, Itália - e participo de eventos e mostras por ele organizadas.

EXPOSIÇÕES FOTOGRÁFICAS INDIVIDUAIS E COLETIVAS

2018

Poesia no mundo, Auditorium San Rocco de Grado - Gorizia/Itália, coletiva.
Interferência, Salão ArtePagnacco de Pagnacco - Udine/Itália, coletiva.

2017

Eu, o pescador, a lagoa: um olhar sobre a Alma, Palácio do Conselho Regional em Trieste - Itália, promovida pela região Friuli-Venezia-Giulia/Itália.
Eu, o pescador, a lagoa: um olhar sobre a Alma, Quarta Circunscrição de Udine - Itália.
Os burgos do Friuli-Venezia-Giulia, Auditorium San Rocco de Grado - Gorizia/Itália, coletiva.

2015

Reflexos, ex Sala do Conselho de Feletto Umberto - Udine/Itália.
Grado, Auditorium San Rocco de Grado - Gorizia/Itália, coletiva.
O pescador, Festa "Gusti di Frontiera" - Gorizia/Itália.
Um quadro, uma foto, uma canção, Auditorium San Rocco de Grado - Gorizia/Itália, coletiva.

2014

Refugiados do Mali, Centro Médico Santagostino di Milano - Itália.
Fragmento de África: o Mali, ex Convento delle Clarisse di Carmanico Terme - Pescara/Itália.
Os ofícios, Auditorium San Rocco de Grado - Gorizia/Itália, coletiva.
Vento de terras distantes, Galeria do Senado Federal - Brasília/Brasil.

2013

A cor amarela, Auditorium San Rocco de Grado - Gorizia/Itália, coletiva.

O hino à joia, Círculo fotográfico Grandangolo, Campofornido - Udine/Itália, coletiva.

2012

Sob a marca do Grandangolo, Quarto Distrito de Udine - Itália.
As crianças do fio do alfabeto, Quarto Distrito de Udine - Itália, coletiva.

2011

Luz e criatividade, Quarto Distrito de Udine/Itália.

2010

O olhar fixa a imagem, Sala Liberamente, Maniago - Pordenone/Itália.
Grado, a ilha e suas cores, Auditorium San Rocco de Grado - Gorizia/Itália.

2009

O Mali, Festas "Quarte d'avost", Povoletto - Udine/Itália.
O Mali, Mostra-Feira, Marradi - Firenze/Itália.





FRANCA VILARINHO
Meninice de pés no chão
Fotografia analógica
55 x 65 cm
Engenho II, Município de Cavalcante/GO - 2003

A meninice de pés no chão, das brincadeiras de roda e do pique-pega tem cheiro de inocência. As amigas tímidas se apoiam umas nas outras para disfarçar a insegurança de quem nunca tinha visto uma câmera fotográfica. O mundo novo chega e, com ele, suas engenhocas. Na hora da foto, não há pose, apenas o retrato de uma infância feliz.



FRANCA VILARINHO
Sorriso brejeiro do menino Kalunga
Fotografia analógica
65 x 55 cm
Engenho II, Município de Cavalcante/GO - 2003

O que permanece do passado são as tradições, a fé e a cultura, presentes nas festas, nos rituais e nas lavouras, herança dos antepassados africanos. O sorriso do menino do quilombo, sem camisa e descalço, que vive livre em seu território, que sobe em árvores, que pega mel de abelhas e anda a cavalo, traz a serenidade de quem vive longe de guerras. É o sorriso maroto de quem está longe da aldeia global.





FRANCA VILARINHO
Quis, por um instante, ser apenas mãe
Fotografia analógica
55 x 65 cm
Engenho II, Município de Cavalcante/GO - 2003

O sonho de liberdade continua, mas agora há outros. Em uma tarde de muito calor, uma cena tocante me chamou a atenção. A candura de uma criança e sua jovem mãe era o quadro perfeito de uma vida digna. Ela tinha deixado de lado o pilão, o fogão, a lenha e a lavagem de roupas no rio. Quis, por um instante, ser apenas mãe.



FRANCA VILARINHO
O menino Kalunga na janela da sua casa de taipa
Fotografia analógica
55 x 65 cm
Vão de Almas, Município de Cavalcante/GO - 2018

O menino na janela de sua casa não sabe de seu futuro, de sua origem e das lutas que seus antepassados tiveram para chegar ao quilombo. Na casa de taipa de barro vermelho, coberta com palha, vive uma gente outrora serviçal, que não quer mais ser escravo de ninguém.





FRANCA VILARINHO
Ancestralidade Africana
Fotografia analógica
65 x 55 cm
Engenho II, Município de Cavalcante/GO - 2003

Os Kalungas guardam no olhar a altivez dos ancestrais africanos. Resistem há 300 anos. São fortes. Aqui, o olhar da matriarca mostra a força de um povo outrora escravizado, que continua lutando. As raízes africanas geraram os frutos de hoje, e os frutos permanecem defendendo um território conquistado com muito suor, lágrimas e sangue. Daqueles que vieram da África, herdaram o brio e o espírito de preservação de suas ancestralidades.



FRANCA VILARINHO
No Vão de Almas, esperando pelo caminhão
Fotografia digital
55 x 65 cm
Vão de Almas, Município de Cavalcante/GO - 2018

Uma vez ao mês, o caminhão da prefeitura chega ao Vão de Almas. O povo fica na expectativa: será que é hoje que ele vem? Por via das dúvidas, a comunidade se prepara. Todos unidos na beira da estrada, por horas e horas, aguardam o caminhão que traz parentes com novidades e leva os velhos, os novos e crianças na carroceria. De dia, comem poeira e, de noite, sentem frio — o que lembra certo navio que veio de longe. Fotografei a mãe que estava à espera do caminhão com um filho doente em casa. Parecia angustiada. Naquele dia não houve almoço nessa casa. Gente que se refaz a cada dia, sem desistir.

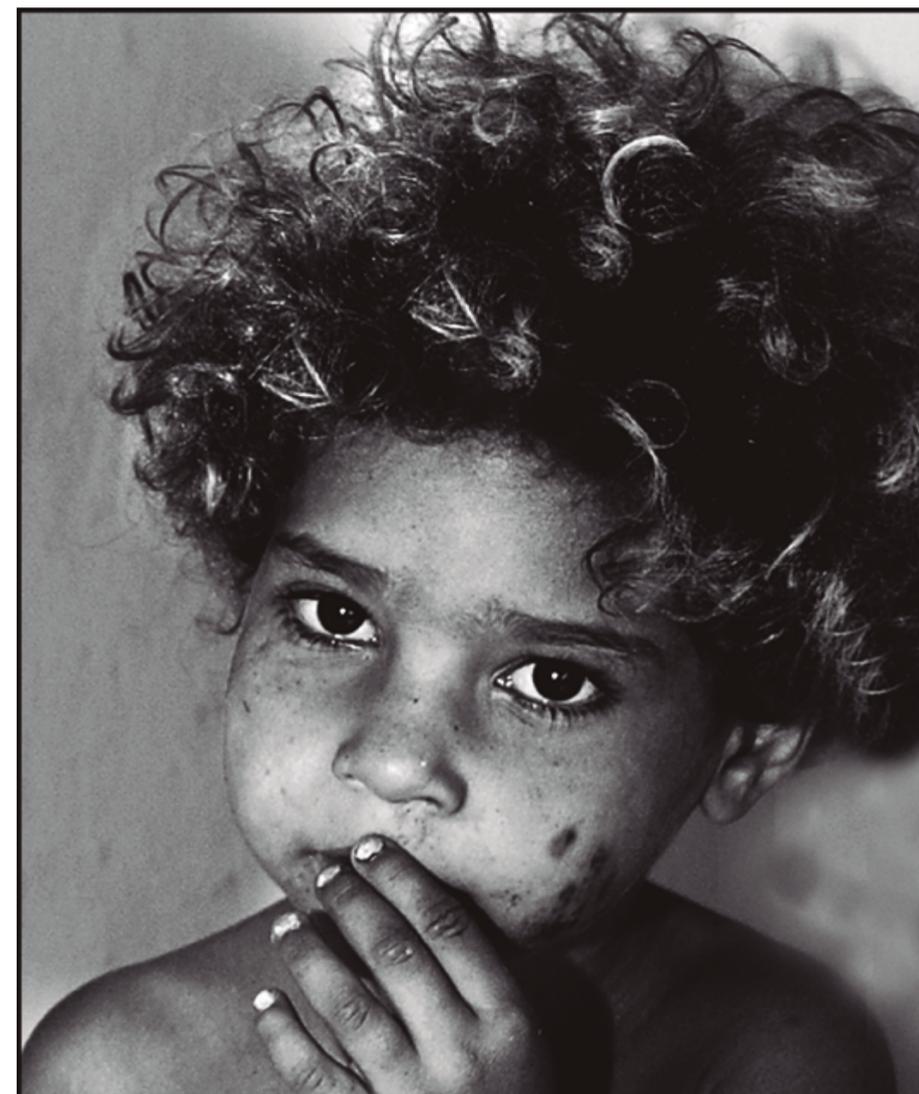
FRANCA VILARINHO
Traços ciganos
Fotografia digital
65 x 55 cm
Cidade Sousa/PB - 2010

O primeiro banho do bebê cigano é com água e vinho, moedas de ouro e joias, em uma bacia de cobre ou prata. Isso trará sorte e riqueza. A menina posa para o retrato. Maquiada, tão pequena, já carrega a cultura, a atitude e a força de um povo que não quer se misturar com ninguém.



FRANCA VILARINHO
Um povo sem muros
Fotografia digital
65 x 55 cm
Cidade Sousa/PB - 2010

Os ciganos ainda circulam pelo mundo, entram nas cidades, armam suas tendas, casam-se entre si, celebram a vida em suas casas de lona, sem muros. Participam dos mundos, mas não se envolvem com eles. Fiéis à sua tradição, seguem fechados. O menino de olhos grandes, vestido de vermelho, baila para minha lente, girando, girando...Mostra o que aprendeu com seus pais e avós.



FRANCA VILARINHO
Longe do grupo, o cigano vira plateia de outros mundos
Fotografia digital
65 x 55 cm
Cidade Sousa/PB - 2010

Impregnado de sua identidade cigana, o menino vive os costumes e os rituais do seu povo. É no grupo que o indivíduo tem sua identidade preservada. Longe do grupo, o cigano vira espectador de mundos que ainda não consegue decifrar.





FRANCA VILARINHO
Entre dois mundos
Fotografia digital
65 x 55 cm
Explanada dos Ministérios/Brasília - 2018

A vida na aldeia ou a modernidade da cidade? Os primeiros nativos do Brasil eram milhões, andavam nus e tinham uma sociedade organizada. Ecoavam seus cantos na imensidão das florestas e só conheciam um mundo, que existe até hoje.



FRANCA VILARINHO
Parte da Terra
Fotografia digital
65 x 55 cm
Explanada dos Ministérios/Brasília - 2018

Os europeus os chamaram de índios. Eram parte da Terra, hoje são guardiões das Matas. Na cidade, sentem-se deslocados, acham estranhos os nossos costumes. A miúda mostra esse desencanto. Talvez prefira correr na aldeia ou ter um território livre para brincar, longe da poluição e dos barulhos dos carros.



FRANCA VILARINHO
Índios: mosaico de etnias
Fotografia digital
65 x 55 cm
Explanada dos Ministérios/Brasília - 2018

Os grupos indígenas formam um mosaico de etnias, crenças e costumes: o Brasil de muitas caras.





FRANCA VILARINHO
O menino e a arquitetura de Brasília
Fotografia digital
55 x 65 cm
Brasília - 2014

A Brasília de identidades em construção. A ebulição cultural é fruto das misturas do Brasil. O brasiliense vive na periferia. E, às vezes, vai ao centro da cidade. O menino brinca na parede famosa do Teatro Nacional de Brasília. Talvez nunca tenha entrado no monumento, mas do lado de fora é livre para brincar, longe dos olhares inquisidores dos homens cultos.



FRANCA VILARINHO
Deslocados para a periferia
Fotografia digital
55 x 65 cm
Brasília - 2014

Brasília é um refúgio de migrantes brasileiros. Chegaram gentes do Norte, do Sul e, principalmente, nordestinos. A mão-de-obra mais barata. Na mala, saudade da terra natal. Os pais migraram fugindo da seca, da fome e de outras tragédias. Deslocados para a periferia, ainda preservam suas culturas.





FRANCA VILARINHO
Alguns nordestinos fincaram suas raízes em Samambaia,
cidade satélite de Brasília
Fotografia analógica
55 x 65 cm
Samambaia/DF - 1999

A população tem os traços da miscigenação. Parte do Brasil fincou raízes na periferia de Brasília. Samambaia, cidade-satélite, abriga filhos daqueles que saíram do Nordeste e embarcaram em uma aventura: a construção da capital federal. Chegaram de todos os cantos. Sonhos povoavam suas cabeças. Construíram uma cidade em tempo recorde. Empurrados para a periferia, ali construíram um lar.



SONIA FATTORI
Menino sapeca
Fotografia digital
55 x 65 cm
Khajuraho/Índia - 2018

Na estrada de Khajuraho, parou bem na minha frente. Invadiu o meu campo visual e me deu a língua! No tempo de um flash, havia já fechado, satisfeito, a boca. Havia cumprido a sua missão, havia obtido a minha atenção. Havia construído uma ponte entre nós. Havia dito: "Estou aqui! Eu existo aqui! Eu, aqui...".

Uma chacoalhada: "E você? Quem é você? ".



SONIA FATTORI
Escola
Fotografia digital
55 x 65 cm
Índia - 2018

As salas de aula não bastam para todos, então os menores têm preferência. Crescendo, eles têm de ir para fora, no pátio, sentar no chão com as pernas cruzadas.





SONIA FATTORI
Pela estrada
Fotografia digital
55 x 65 cm
Khajuraho/Índia - 2018

Ficar junto e formar um grupo é preciso, é a estrada que o impõe, a vida dita assim, é questão de sobrevivência. A estrada é escola, ameaça, um meio de vida e fonte de perigos dos quais se defender para continuar vivo, inteiro. Nunca se sabe quem se pode encontrar pela frente, que intenções tem quem cruza o seu caminho. O "chefe" do bando, o mais espertinho e atento, eleito silenciosamente e seguido com confiança, exerce sua capacidade de análise. Decreta que não sou uma ameaça e abaixa as armas, volta a ser criança e, com ele, seus seguidores. A tensão desaparece, vira sorriso e vontade de brincar.





SONIA FATTORI
Casamento indiano
Fotografia digital
55 x 65 cm
Khajuraho/Índia - 2018

Uma rica série de cerimônias e rituais precede e intervala as celebrações de um matrimônio hindu. Cada cor tem significado, cada ritual, um objetivo preciso, cada detalhe, um sentido. Tudo é necessário, de acordo com a tradição, para que os noivos possam percorrer com sucesso o novo caminho. No dia de núpcias, uma procissão de familiares, amigos, danças e cantos que expressam felicidade acompanha o noivo à presença da noiva e de sua família. Ao lado do noivo, que reina absoluto, estão algumas crianças. Ter criança perto traz sorte.



SONIA FATTORI
Mão de obra
Fotografia digital
55 x 65 cm
Khajuraho/Índia - 2018

No meio de todas as cores do mercado indiano, sua figura se agacha, torna a levantar, carrega caixotes de roupas e tecidos, muda-os de lugar, organiza-os. Ela não é uma criança. É mão de obra. Não importam as dimensões do seu corpo, sua idade, seus direitos. Os sacrifícios para um filho estudar são reservados, eventualmente, aos meninos. Com ela, menina, a preocupação é que se case.

Por enquanto, ela é somente dois braços a mais para conseguir o que comer.





SONIA FATTORI
Casa de bonecas
Fotografia digital
55 x 65 cm
Unide/Itália - 2018

Chamo e você vem. Vem de outro mundo, boneca entre bonecas. Talvez eu tenha interrompido uma conversa entre amigas, algum plano de aventura, uma troca de conselhos sobre o que vestir...

Você vem e eu caio dentro dos seus olhos. Catapultada em volteios, como Alice no seu mundo mágico, e, por um instante, eu também sou parte daquela casa.



SONIA FATTORI
A grande esperança
Fotografia digital
55 x 65 cm
Lampedusa/Itália - 2015

Lampedusa é uma ilha italiana mais próxima da costa africana do que da costa italiana. Ficou famosa com os desembarques de imigrantes e as tragédias que os acompanham.

Abdul fugia da pobreza e da difícil situação de seu país, a Eritreia. Tendo no pescoço um cordãozinho do rosário, em sinal de proteção e esperança, havia percorrido milhares e milhares de quilômetros, atravessou o mar e, enfim, chegou à ilha. Quilômetro após quilômetro, noite após noite, Abdul cresceu muito mais do que o seu corpo demonstra, muito mais do que deveria crescer uma criança. Ele tem ideias claras de homem decidido a criar seu próprio destino e tem um sonho: o de criar o seu futuro jogando futebol.





SONIA FATTORI
Aventalinho preto
Fotografia digital
55 x 65 cm
Escola de Reana del Rojale Udine/Itália - 2018

Um avental preto, uniforme da maioria das escolas de ensino fundamental italianas, adotado para, como o próprio nome diz, uniformizar o vestuário das crianças, cobrindo a diversidade das roupas, enfatiza, em vez disso, a diversidade dos seus rostinhos, dos seus olhares.

O rosto de Giovanni escorre sobre aquele uniforme como um riachinho cristalino; olhos de águas limpas, transparentes e vívidas. Dá até vontade de entrar nesse riacho, matar a sede. Raios de luz, como pequenos espelhos nos raios de sol, reluzem entre gramática e geometria, entre história e sonhos, entre rostos e paixões.



SONIA FATTORI
Nós somos "os grandes"
Fotografia digital
65 x 55 cm
Mazara Del Vallo/Itália - 2014

As crianças nos observam, nos analisam, nos espiam, nos questionam, nos imitam. Nós somos "os grandes" e nem sempre o sabemos. Nós somos "os grandes", mas às vezes crescemos só em tamanho. Nós somos "os grandes", mas, às vezes, esquecemos que já fomos pequenos, que já fomos feridos por um gesto, que já tivemos medo do escuro.

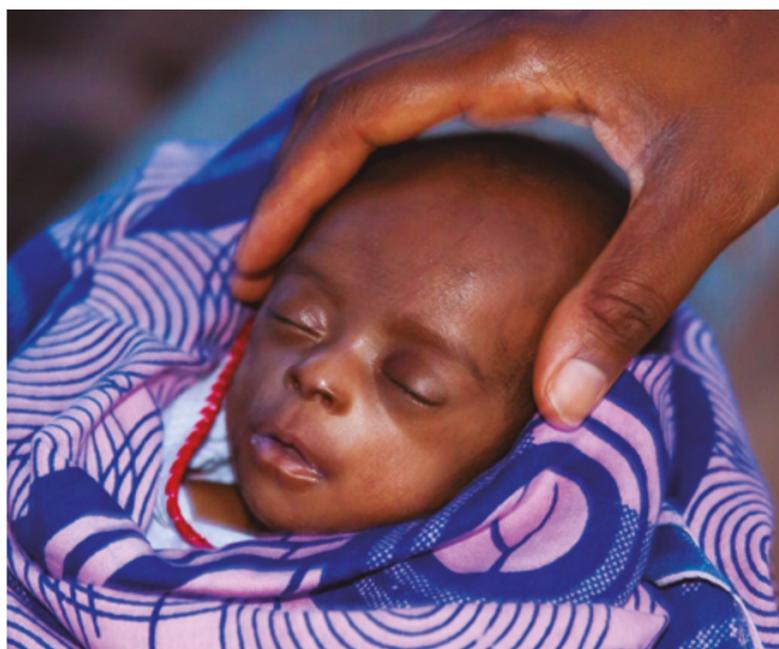
Esquecemos que já brincamos, gritando de alegria e de sentimento de segurança absoluta.





SONIA FATTORI
Uma bola de futebol
Fotografia digital
55 x 65 cm
Banconi - Bamako/Mali - 2009

Uma bola no pé é como um par de asas. Anula tudo em volta e, às vezes, o que está dentro. A bola de futebol é uma língua universal. Elimina limites, derruba barreiras. Uma bola de futebol no pé é magia. Transforma um terreno desolado em campo verde; o lixão vira tribuna de um estádio em festa, cores, coros. De cabeceada vai o jogo, vai a bola, vai o sonho e mais nada: nenhum problema, nenhum limite. Ao menos, no tempo em que durar o jogo.



SONIA FATTORI
A pequena Camilla
Fotografia digital
55 x 65 cm
Ouagadougou/Burkina Faso - 2013

Camilla, um quilo. Um corpo tão minúsculo que dá medo até de tocar, mas que desprende força, determinação e desejo de VIDA. Com a proteção das freiras do San Camillo, no Hospital de Ouagadougou, Camilla lutou, Camilla venceu. Depois de seis meses, o que se via era uma menina esplêndida, forte e robusta. Camilla, um milagre.



SONIA FATTORI
Mercado de Djenné/Mali
Fotografia digital
65 x 55 cm
Mercado de Djenné/Mali - 2010

Na confusão do mercado lotado, no calor escaldante, encontrei o seu olhar. Seus olhos, como um livro aberto na página da injustiça, contaram-me sobre a sua alma sofrida e sua tristeza sem fim. Num átimo, tudo virou silêncio, desapareceram os odores, as cores e o calor...e ficamos você e eu, olhos nos olhos em diálogo silencioso, profundo e total.



SONIA FATTORI
As cores da alegria
Fotografia digital
55 x 65 cm
Escola do vilarejo Dioubéba - Oualia/Mali - 2011

Na escola do vilarejo Dioubéba, no Mali, as classes são numerosas, e as crianças, sem lápis e sem caderno, amontoam-se nos bancos em perigoso equilíbrio. Agarram-se naquele pedaço de madeira como um náufrago se agarraria em um pedaço de tronco para sobreviver, cheios de alegria, com a sensação de terem nas mãos uma promessa de salvação. Quando ali entrei, vi aqueles pequenos olhos que se demoraram, curiosamente, na "estranheza" do meu aspecto e da minha cor. A minha diversidade não provocou temor, não foi ridicularizada e nem julgada, mas acariciada por olhares acolhedores e investigada por mãos gentis, desejosas de encontros e conhecimentos, até ser envolvida pelo calor dos abraços.





SONIA FATTORI
Um prato de arroz
Fotografia digital
55 x 65 cm
Banconi - Bamako/Mali - 2009

Um prato de arroz não é só um prato de arroz. Um prato de arroz é encontro, cerimônia, diálogo, uma forma de conhecimento. Comer juntos, compartilhar o alimento, usar um único prato para todas as bocas, é dizer que existe um só céu para todos os corações, que tem uma só mãe para a fome de todos os irmãos. Cada um pega o que precisa, na medida da sua mão, sem nunca deixar vazia a mão de outro irmão. Não tem gosto melhor do que o da comida compartilhada.



SONIA FATTORI
Chuva, uma questão de sobrevivência
Fotografia digital
55 x 65 cm
Banconi - Bamako/Mali - 2009

Quando a chuva chega, não se sabe no que vai dar. Só dá para esperar que as águas não sejam muito violentas e cruéis.

A chuva vem abundante, destrói estradas, isola bairros e pessoas, espalha o lixo e leva tudo o que achar pela frente. Quando a chuva para, em um cenário completamente destruído, tomado pelo barro e pela sujeira, falta um menino: a chuva levou! A chuva levou, também, um menino.



IDENTIDADES AMEAÇADAS

FRANCA VILARINHO E SONIA FATTORI

Visitação de 7 a 30 de outubro de 2019, segunda a sexta, das 9h às 17h

Espaço do Servidor | Anexo II | Câmara dos Deputados

Câmara dos Deputados | Mesa Diretora da Câmara dos Deputados PRESIDENTE Rodrigo Maia (DEM/RJ) | 1º VICE-PRESIDENTE Marcos Pereira (PRB/SP) | 2º VICE-PRESIDENTE Luciano Bivar (PSL/PE) | 1ª SECRETÁRIA Soraya Santos (PR/RJ) | 2ª SECRETÁRIA Mário Heringer (PDT/MG) | 3º SECRETÁRIO Fábio Faria (PSD/RN) | 4º SECRETÁRIO André Fufuca (PP/MA) | SUPLENTEs Rafael Motta (PSB/RN), Geovania de Sá (PSDB/SC), Isnaldo Bulhões Jr. (MDB/AL), Assis Carvalho (PT/PI)

COORDENAÇÃO DO PROJETO Secretaria de Comunicação Social, Centro Cultural Câmara dos Deputados | SECRETÁRIO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL Fabio Schiochet (PSL/SC) | DIRETOR EXECUTIVO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL David Miranda | DIRETORA DO CENTRO CULTURAL Isabel Flecha de Lima | NÚCLEO DE HISTÓRIA, ARTE E CULTURA COORDENAÇÃO Clauder Diniz | PRODUÇÃO Lucas Ramalho | REVISÃO Maria Amélia Elói | PROJETO GRÁFICO Clara Iwanow | MONTAGEM E MANUTENÇÃO DA EXPOSIÇÃO André Ventorim, Edson Caetano, Paulo Titula, Wendel Fontenele | MATERIAL GRÁFICO Coordenação de Serviços Gráficos - CGRAF/DEAPA

Contatos das artistas

Franca Vilarinho

www.francaVilarinho.com.br
franca.vilarinho@gmail.com
+55 61 981497081

Sonia Fattori

www.soniafattori.it
info@soniafattori.it
+39 347 5280011

Informações: 0800 619 619 – cultural@camara.leg.br

Palácio do Congresso Nacional – Câmara dos Deputados – Anexo 1 – Sala 1601 – CEP 70160-900 – Brasília/DF

<http://www.camara.leg.br/centrocultural>

Brasília, outubro de 2019.





Centro Cultural

Secretaria de
Comunicação Social

